

- Ensaio Teórico -

## **Resistência camponesa no âmbito da fabricação artesanal de erva-mate, Rio Grande do Sul, Brasil**

Peasant resistance in the context of artisanal production of erva-mate, Rio Grande do Sul, Brazil

LUZ, M.<sup>1</sup>; DAL SOGLIO, F.K.<sup>2</sup>; KUBO, R.R.<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), moisesdaluz@yahoo.com.br. <sup>2</sup>PGDR e Faculdade de Agronomia (UFRGS), fabiods@ufrgs.br. <sup>3</sup>PGDR e Departamento de Ciências Econômicas e Relações Internacionais, Faculdade de Ciências Econômicas (UFRGS), rumikubo2002@gmail.com

---

**RESUMO:** A fabricação artesanal de erva-mate (*Ilex paraguariensis* A. St.-Hil.) para chimarrão compreende um universo de conhecimento, que apesar da ameaça de desaparecimento, provocada pela modernização da agricultura e a industrialização da cadeia produtiva da erva-mate, segue sendo praticada entre as populações camponesas do sul do Brasil. Em vista disso, agricultores familiares residentes no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, que processam a erva-mate de maneira artesanal, foram o objeto desta pesquisa, analisando-se a resistência do estilo camponês de agricultura, em contraposição ao modelo dominante de agricultura empresarial e capitalista. Os fatores determinantes para a continuidade desta tradição, e também do modo de vida camponês, são a sucessão familiar, os incentivos (com assistência técnica, crédito e políticas públicas), a mão-de-obra disponível, o rendimento econômico aliado à busca de mercados, o apreço em qualidade e saúde e as dificuldades do trabalho artesanal. Os mecanismos de resistência foram identificados como sendo o comércio informal, a cooperação e a reciprocidade, os quais se aliam à coprodução com a natureza, que se traduz na manutenção e no incremento da base de recursos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Resistência camponesa. Agricultura familiar. Erva-mate artesanal.

**ABSTRACT:** Artisanal production of yerba mate (*Ilex paraguariensis* A. St.-Hil.) for "chimarrão" comprises a universe of knowledge that despite the threat of disappearance caused by the modernization of agriculture and the industrialization of the production chain of yerba mate, follows being practiced among peasant populations from southern Brazil. In view of this, farmers living in the State of Rio Grande do Sul, Brazil, that process yerba mate in a traditional manner, were the object of an investigation by analyzing the resistance of the peasant style of agriculture, in contrast to the dominant model of corporate agriculture and capitalist. The determinants for continuing this tradition, and also the peasant way of life factors are family succession, incentives of technical assistance, credit and public policies, hand labor available, the economic income coupled with search markets the appreciation for quality and health, and the difficulties of craftsmanship. Resistance mechanisms were identified as informal trade, cooperation, reciprocity, which are allied to the coproduction with nature, which results in maintaining and increasing the resource base.

**KEYWORDS:** Peasant resistance. Family farming. Artisanal "Erva-mate".

## Introdução

Por trás do hábito de tomar mate ou chimarrão, no Rio Grande do Sul e em outros estados brasileiros, existe um universo de conhecimento, que está relacionado à fabricação artesanal de erva-mate. Apesar da ameaça de desaparecimento desta tradição, provocada pela modernização da agricultura e pela industrialização da cadeia produtiva da erva-mate, grupos sociais do meio rural, caracterizados dentro de uma “condição camponesa” (MOTTA e ZARTH, 2008; PLOEG, 2008; WANDERLEY, 2009), seguem praticando-a, unindo conhecimentos tradicionais com elementos modernos.

A fabricação artesanal de erva-mate provém dos povos indígenas das bacias dos rios Paraguai, Paraná e Uruguai (ANDRADE, 2002), como os Guaranis e Kaingangos (LESSA, 1986; FREITAS, 2005), e existe na região sul da América. Esta atividade, também, representa uma prática tradicional de produção econômica, proporcionando momentos de sociabilidade como as rondas dos carijos (BERKAI e BRAGA, 2000), manifestação do folclore, onde acontecem as rodas de prosa, de causos, compartilhando o chimarrão, contemplando a natureza, o céu estrelado, e por vezes se tornando um evento festivo, com músicas e danças regionais.

Com o processo de modernização da agricultura, difundindo os pacotes tecnológicos dos monocultivos, aliando intensa mecanização e utilização de insumos químicos, muitas das atividades artesanais de agricultores foram sendo abandonadas. Juntamente com a modernização ocorreu a industrialização dos alimentos, reduzindo-se a produção artesanal, inclusive para autoconsumo (BRUM, 1988). Nas regiões onde se difundiram amplamente os monocultivos, especialmente o de soja, verificou-se a perda de agrobiodiversidade e de conhecimentos associados, ao mesmo tempo em que houve um intenso processo de êxodo rural (NEVES et al., 2010; PALMEIRA, 1989).

A modernização na agricultura é um processo que está estreitamente relacionado à industrialização. Para Ploeg (2008), “a industrialização implica a destruição do capital ecológico, social e cultural”, pois, à medida que a indústria passa a produzir em escala, objetivando apenas a difusão dos produtos no mercado, os conhecimentos tradicionais de biodiversidade, as relações sociais e as tradições das comunidades não interessam mais, porque passa a valer a relação capitalista de “mais valia”.

Mesmo que a maior parte da erva-mate oferecida nos mercados, atualmente, seja de origem da indústria, a fabricação artesanal da erva ainda é

encontrada, contrariando o pensamento atual de que não existe mais ou é coisa do passado. Ao contrário, a tradição inclui novas tecnologias, como o uso da energia elétrica.

A fabricação artesanal de erva-mate pode ser analisada com base na “resistência camponesa” (PLOEG, 2008; SCOTT, 1985), como sendo a expressão de agricultores e de suas comunidades, grupos, organizações, associações, cooperativas e movimentos populares, contrapondo-se a atores dominantes. Para Ploeg (2008; 2009), a resistência é a expressão de um estilo de agricultura, denominado de agricultura camponesa, constituindo-se na manifestação de um modo de vida peculiar. Ela está ameaçada de extermínio pela lógica dominante da modernização na agricultura, ou seja, a agricultura empresarial e capitalista, que estão em sintonia com um processo homogeneizante de modernidade e pós-modernidade na sociedade global.

Enquanto a agricultura camponesa se refere a um modo de vida peculiar, diferenciado, e muitas vezes contrapondo-se à lógica capitalista (CHAYANOV, 1976; PLOEG, 2008; WOORTMANN e WOORTMANN, 1997), os estilos de agricultura empresarial e capitalista são governados por essa lógica, que enfatiza a obtenção de lucro e submete-se às leis de mercado.

Como resistência, vários autores (ARDENGI, 2003; HARDT e NEGRI, 2001; LONG, 2007; PLOEG, 2008; 2009; SCOTT, 1985) a abordam como um fenômeno manifestado por atores sociais dominados ou subordinados, que estão expostos a situações de exploração (laboral, econômica), injustiça e dependência. Esse fenômeno é manifestado a atores sociais dominantes, sejam individuais ou coletivos, sejam a entidades privadas ou públicas, assim como a normas, valores, leis, e mesmo a modelos socioeconômicos regionais e internacionais. Conforme Motta e Zarth (2008) e baseando-se na classificação de Ploeg (2009), encontram-se três expressões da resistência:

1. Lutas abertas (revoltas, greves, protestos, marchas, ocupações, bloqueios de estradas).
2. Atos cotidianos de desafio, ocultos e camuflados (SCOTT, 1985).
3. Intervenções na organização do trabalho e da produção (introdução de alterações).

A terceira categoria da resistência é argumentada principalmente por Ploeg (2008; 2009), ancorando-se na Perspectiva Orientada pelos Atores (LONG, 2001). Ploeg trata a resistência enfocando a agricultura, como sendo a expressão de um estilo de agricultura

como as diferentes práticas de produção de alimentos e gestão da base de recursos.

Na agricultura camponesa, quando se concebe a unidade agrícola como sendo gerida pela família ou comunidade, há uma autonomia maior em relação à administração de sua base de recursos, que lhe dá autonomia, muitas vezes não havendo uma relação direta com atores dominantes, embora possa haver a dominação indireta. Por suas características, a agricultura camponesa entra em conflito com um meio hostil, que sempre está impondo limites, quando não a está ameaçando de extermínio ou exploração. Sendo assim, os camponeses desenvolvem estratégias e adaptações, de forma a prosperarem com mais autonomia (PLOEG, 2009).

No contexto dos impérios, a agricultura camponesa expressa uma vasta gama de práticas heterogêneas e cada vez mais interligadas, as quais se configuram como resistência (LONG, 2007). “A corrente dominante da resistência camponesa flui através da multiplicidade de respostas continuadas e/ou criadas de uma nova forma, para enfrentar e contrapor os impérios, como principais modos de ordenamento” (PLOEG, 2008, p.289). O mesmo autor cita exemplos de como a resistência se manifesta, seja a forma como o estrume bom é produzido, como as vacas são criadas, como as belas propriedades são construídas, seja na criação de novas unidades de produção e de consumo, em campos que deveriam manter-se improdutivos ou serem usados para a produção de culturas de exportação em grande escala.

Ploeg (2008) se refere à terceira categoria de resistência como sendo a corrente dominante, que muitas vezes alimenta as outras, constituindo-se nos alicerces da resistência camponesa. Ploeg (2009) atribui essa resistência como nova, pois procura construir soluções locais para problemas globais, sendo ela a principal força motriz de muitas formas de desenvolvimento local.

“A resistência já não é uma forma de reação, mas sim uma forma de produção e ação [...]. É uma resistência completamente nova baseada na inovação e na cooperação autônoma entre sujeitos e produtores [e consumidores].” (NEGRI, 2006, p.54, tradução nossa)

Portanto, a partir deste contexto teórico e empírico, a pesquisa buscou analisar o processo de resistência do modo de vida camponês frente à agricultura moderna e à industrialização da cadeia produtiva da erva-mate,

acompanhando agricultores familiares que processam erva-mate de forma artesanal.

## Material e Métodos

O conjunto de famílias pesquisadas foi selecionado, buscando-se atingir um número representativo da diversidade da realidade camponesa, que passaram por uma pesquisa de caráter qualitativo. As técnicas de geração de dados empregadas foram a observação participante e a entrevista semiestruturada (BEAUD e WEBER, 2007; GEHRARDT e SILVEIRA, 2008; GUBER, 2001). A seleção das famílias, a geração de dados e a análise dos resultados tiveram por base a Perspectiva Orientada pelos Atores (POA), que traz para o entendimento de tal realidade o protagonismo dos atores sociais, a partir do qual se pode compreender a heterogeneidade da agricultura camponesa.

A procura dos casos focou a região do Planalto Rio-Grandense (MORENO, 1989), que corresponde à metade norte do estado, onde prevalecem a distribuição natural da erva-mate e a industrialização do produto. A pesquisa foi realizada com atores sociais caracterizados pela agricultura familiar ou camponesa, que fabricam erva-mate para chimarrão de forma artesanal, utilizando-se como secadores o carijo, o barbaquá ou variantes das formas tradicionais, e manejam a erva-mate na forma de extrativismo e/ou na forma de cultivos.

Foram visitadas 14 famílias em dez municípios do RS, as quais foram categorizadas a partir de dois critérios: agrupando-as entre aquelas que comercializam o produto e as que o utilizam apenas para o consumo próprio, e de acordo com a perspectiva de continuidade da prática, para as gerações seguintes. A partir desta categorização, resultaram-se três grupos de famílias: o primeiro composto por famílias que fabricam a erva-mate apenas para o consumo próprio e em sua maioria não têm perspectiva de continuidade da prática; o segundo compreende famílias que comercializam o produto, e não têm perspectiva de algum dos filhos(as) continuarem a prática; enquanto o terceiro grupo comercializa o produto e prevê a continuidade da prática pelos seus descendentes. Desta forma, sete famílias foram selecionadas entre as categorias, para serem pesquisadas. Anteriormente à geração de dados, as famílias e o pesquisador fizeram a leitura conjunta do Termo de Consentimento, Livre e Esclarecido, a fim de que elas tivessem ciência da pesquisa e pudessem autorizá-la ou não. No caso de aprovação, alguém

responsável da família realizava a assinatura do Termo.

Entre as famílias selecionadas, as dos municípios de Panambi, Bozano, Humaitá, Santo Cristo e Seberi se autodenominam como pequenos agricultores. Sua localização corresponde com a região norte e noroeste do Rio Grande do Sul, onde é preponderante a agricultura empresarial, e em que as principais monoculturas são a soja, o milho e o trigo. As famílias de Santo Antônio do Palma e Ipê se autodenominam como agricultores ecologistas, pois atuam em cadeias de produção e comercialização agroecológicas, e sua localização corresponde com a região serrana do RS.

A fabricação artesanal de erva-mate - a fabricação artesanal de erva-mate é efetuada de forma diversificada entre as famílias de agricultores, que em regra geral aliam seus conhecimentos sobre técnicas tradicionais com a apropriação de tecnologias modernas ou adaptadas. No entanto, o processamento da erva segue as mesmas sequências em todas as famílias, sendo compostas por cinco etapas: a) Corte (poda); b) Sapeco (direto ou indireto); c) Secagem (carijo, barbaquá ou variantes); d) Cancheamento; e) Soque.

O corte da erva ocorre de forma extrativista e em sistemas produtivos diversificados, desde erveiras solitárias que estão nos quintais das casas, beiras de estradas e lavouras (Figura 1), até sistemas agrofloretais (SAF's) intercalados com algumas espécies ou bastante diversificados. A poda da erva, independentemente do sistema de cultivo, é realizada em cada indivíduo a cada dois ou três anos, geralmente evitando a fase da lua nova e entre maio e setembro, preferencialmente, que é o período de inverno e parte do outono, fase de menor crescimento da erva e anterior à fase reprodutiva.

O sapeco da erva se faz após a poda, de forma manual, passando-se rapidamente os galhos da erva sobre uma fogueira (Figura 1) ou com o auxílio de uma sapecadeira (cilindro de metal giratório). A lenha utilizada para o sapeco constitui-se de galhos finos e secos de espécies diversas encontradas nos próprios locais, pois o objetivo é que essa lenha gere labaredas, a fim de sapear a erva, o que comumente se denota pelo estralar da erva (ruído).

Depois do sapeco ocorre a secagem da erva, em carijo (Figura 1), barbaquá ou em secadores variantes das formas tradicionais citadas. É imprescindível que a secagem aconteça em dias secos e sem possibilidade de chuva, cuja exigência é típica do carijo, pois esta técnica ocorre ao ar livre, mesmo considerando que o mesmo possua telhado. A secagem em carijo acontece

durante um tempo ao redor de doze horas, e geralmente se inicia no final da tarde e prossegue com o braseiro até o amanhecer, ocasião que convida à confraternização pelas pessoas familiares e da comunidade.

A lenha de eucalipto e de uva-japonesa serve de fonte energética necessária para as famílias que processam a erva-mate para a comercialização, pois essas espécies se caracterizam pelo crescimento rápido e assim não há sobre-exploração da mata nativa. Quanto aos agricultores que processam a erva para consumo próprio e eventualmente para comércio, a extração de lenha se baseia essencialmente nas árvores secas ou caídas que os fragmentos de mata fornecem, e porventura da extração de árvores vivas pelo manejo seletivo. Segundo os agricultores o manejo é sustentável, a ponto de historicamente manterem as suas matas, e conforme o sítio familiar, aumentarem sua biodiversidade.

Geralmente, no dia seguinte, pela manhã, termina a fase de secagem. Desta forma, inicia-se a retirada da erva do carijo, para seguir com o cancheamento, que conforme a família, não é realizado. O cancheamento consiste na fragmentação dos ramos secos, utilizando-se pá-de-corte, facão de madeira ou máquinas, como a antiga trilhadeira. A forma mais rústica visualizada é a que utiliza o facão de madeira, batendo-se a erva sobre o carretão do trator ou sobre um cancheador de madeira (Figura 1).

Após o cancheamento ocorre a última fase do processo que é o soque ou a moagem, geralmente realizado com socadores de duas até seis mãos-de-pilão, movidos com energia elétrica, motor a combustão, moinho d'água ou roda d'água (Figura 1). Finalizado o soque, que conforme o tempo de moagem resulta em uma erva mais fina ou mais grossa, dá o sabor do chimarrão de acordo com a preferência dos seus artesãos.

O processo de resistência - as famílias acompanhadas apresentam uma diversidade de atividades econômicas e de sobrevivência. Há famílias mais envolvidas em atividades da agricultura empresarial; aquelas em que seus principais rendimentos provêm da aposentadoria; e as que têm sua principal fonte de renda a partir da venda de erva-mate. Entre as famílias que comercializam a erva, observou-se a busca de outros rendimentos, através de atividades ligadas à construção civil, à venda do leite, à participação societária em ervateira industrial, e aquelas que produzem de forma agroecológica, com uma grande variedade de produtos,



Figura 1. Da esquerda para a direita e de cima para baixo, a sequência do processamento artesanal de erva-mate: a) poda; b) sapeco; c) carijo com a erva seca após 12 horas de secagem; d) cancheamento com facão de madeira; e) soque. Rio Grande do Sul, 2010.

que são comercializados em feiras e outros espaços. Entre estas atividades, pode-se relacioná-las aos conceitos de reciprocidade (RADOMSKY, 2006) e pluriatividade (SCHNEIDER, 2003).

Entre as famílias, conseguiu-se identificar características em comum, associadas ao modo camponês de agricultura, tratado por Ploeg (2006; 2008). Destacam-se o trabalho familiar, a produção de alimentos (animais e vegetais) para o autoconsumo, a base de recursos autogerida e limitada, em áreas de maior ou menor quantidade de terra (entre 10 e 33 ha), das quais eles são proprietários, e a comercialização de uma parte (maior ou menor) da sua produção no mercado.

Os principais motivos que explicam a continuidade ou a não continuidade da fabricação artesanal de erva-

mate, e conseqüentemente do modo camponês de agricultura, podem ser esclarecidos através de três fatores principais. Eles dizem respeito à sucessão familiar, aos incentivos (assistência técnica, crédito, políticas públicas) e à mão-de-obra disponível. Eles também são interdependentes, pois a mão-de-obra muitas vezes é suprida, através do compromisso de um filho trabalhar na atividade, a qual pode ser viabilizada através de um projeto com financiamento facilitado e com poucos juros, encaminhada com apoio de assistência técnica. Isto pode fazer parte de uma nova política pública voltada à agricultura familiar. Aliado a isso, está a perspectiva de um rendimento econômico, de forma que haja prosperidade. Porém, na maioria das vezes, a continuidade de tal atividade não tem um ou mais elementos desse encadeamento ou rede, ou seja,

para continuar a atividade não existem circuitos formais socialmente estabelecidos. Assim como caracterizado por Ploeg (2008), para a agricultura camponesa, essas famílias vivem em um meio desfavorável, onde há uma série de limites e imposições, em que os agricultores não conseguem ou têm dificuldade de pôr em prática suas atividades elementares. Por isso, eles precisam buscar alternativas, circuitos do lado de fora dos circuitos formais da sociedade, que são regulados pelo Estado, mercado e legislação.

Os outros fatores que se destacam na fabricação artesanal são a tradição, a busca de mercados alternativos, muitas vezes sem o cumprimento de todas as normas legais, o apreço em qualidade e saúde, identificados na erva-mate artesanal, e dificuldades inerentes ao processamento manual, que motivam o desenvolvimento de habilidades e novidades. Os fatores determinantes são contrapostos a efeitos da sociedade, que foram mencionados e interpretados como ameaças e limitadores da autonomia camponesa (Quadro 1). Os limitantes da sociedade agem afetando um ou diversos fatores intrínsecos da agricultura camponesa.

**Tradição** - a tradição faz parte de todos os casos acompanhados e ela pode ser considerada como um pré-requisito, pois representa uma bagagem de conhecimento das técnicas, do uso de recursos naturais e constitui um processo intergeracional, contínuo e dinâmico, que envolve o trabalho baseado em habilidades (PLOEG, 2008) e relações sociais.

O conhecimento tradicional, que é herdado dos pais e avós, é flexível no sentido de receber a incorporação de

novidades (MARQUES, 2009), como adaptações de novas tecnologias ou a inventividade a partir do desenvolvimento de habilidades tratado por Ploeg (2008). Portanto o conhecimento tradicional, da mesma forma, é transformado ao longo do tempo, conforme o contexto local, as relações sociais, como parte da dinâmica da reprodução social. O saber-fazer em torno da fabricação artesanal da erva mostra exatamente essa dinâmica de aperfeiçoamento das técnicas, mesclando-se tecnologias antigas e modernas, respeitando os mesmos princípios seculares de processar a erva. Isso está de acordo com o equilíbrio entre progresso e tradição apontado por Ploeg (2008) e a mescla do tradicional com o moderno, referido por Toledo (1992), e está coerente com a abordagem do conceito de tradição (FLEURY e ALMEIDA, 2007; GIDDENS, 1997).

Essa tradição é defendida e manifestada como um patrimônio a ser herdado pelas gerações futuras, e nas palavras de Fleury e Almeida (2007), dá segurança aos que herdaram esse conhecimento. A tradição traz uma bagagem de conhecimento que pode ser acessada conforme o protagonismo dos atores e a realidade do seu contexto social, assim, por exemplo, a família de Seberi utilizou-se desse patrimônio cultural, como o seu meio de vida, para reproduzir-se socialmente, como expressou Mercedes: "Aí juntou os dois, o que a gente gostava de fazer e sabia, com a necessidade".

**Sucessão familiar e mão-de-obra** - a sucessão familiar na agricultura diz respeito aos filhos e filhas continuarem as atividades na unidade agrícola, mas não

Quadro 1. Fatores determinantes nas famílias, para a continuidade da fabricação artesanal de erva-mate, em contraposição a ameaças e limitantes da sociedade.

<b>Fatores determinantes para a continuidade da fabricação artesanal de erva-mate</b>	<b>Ameaças e limitantes da sociedade</b>
Tradição/conhecimento	Indústria, agricultura empresarial (moderna). Êxodo, concentração fundiária. Ausência de incentivos, leis sanitárias, ambientais, comerciais, lei dos orgânicos, certificação. Baixo preço pago pelas indústrias aos agricultores que fornecem a matéria-prima (erva-mate), golpes.
Sucessão familiar Mão-de-obra	
Incentivos (crédito, assistência técnica, políticas públicas)	Qualidade da erva de indústria. Produtos artificializados, adulterações.
Economia e clandestinidade Qualidade e saúde	
Dificuldades do processamento manual – motivam busca por melhorias	
Coprodução, manutenção e incremento da base de recursos	Ausência de incentivos

é só isso, é a sequência e o assumir de um estilo de vida, por parte dos (as) filhos (as) dos agricultores, não necessariamente nos mesmos moldes, mas com princípios em comum. O envolvimento dos (as) filhos (as) com a agricultura constitui um processo de formação contínuo, que tem relação com os projetos da família, das possibilidades de prosperidade, da valorização desse trabalho e desse estilo de vida. Segundo Sacco dos Anjos e Caldas (2006, p.187-188):

“a sucessão na agricultura familiar envolve não apenas a transferência de um patrimônio e de capital imobilizado ao longo das sucessivas gerações, mas de um verdadeiro código cultural que orienta escolhas e procedimentos dirigidos a garantir com que, pelo menos, um dos sucessores possa reproduzir a situação original.”

O prosseguimento dos (as) filhos (as) atuando e mantendo a propriedade junto com seus pais pode ser considerado um divisor de águas na continuidade de práticas e tradições, na existência de conhecimentos, e desde a sua adolescência, pode determinar a decisão por um ou outro projeto de investimento, que poderá estar condicionado pelo acesso a recursos do governo. Em geral, semelhante aos resultados do estudo de Sacco dos Anjos e Caldas (2006), a sucessão nas famílias que fabricam erva-mate será direcionada para os filhos (homens). A maioria dos filhos e filhas de agricultores, nas famílias acompanhadas, está seguindo os estudos, como a graduação universitária, o que muitas vezes, quase somente viabiliza seguir uma carreira profissional fora do sítio familiar, conforme salientou Sacco dos Anjos e Caldas (2006). Esses autores encontraram que, os agricultores, em sua maioria, preferem que seus filhos (as) tenham uma educação mista, que seja orientada a trabalhar na agricultura ou em outra atividade.

Enquanto há famílias que resistem como camponeses graças à atividade artesanal, mesmo vivendo em um meio onde a regra geral está sendo o êxodo e o envelhecimento no campo, semelhante ao reportado por Sacco dos Anjos e Caldas (2006), outras famílias não sabem sobre o que vai interessar a seus filhos(as), ou afirmam que o interesse deles(as) é ir para a cidade, assim não havendo continuidade das atividades. A afirmação do Cenair demonstra a situação e possíveis causas desse panorama:

“É o desestímulo da produção aqui, como é que um pai vai sustenta um filho aqui na colônia, não tem como,

ele vai estuda lá e busca um emprego, que aqui na colônia ele não vai ganha isso... eu tenho várias gente daqui que tão bem sucedido lá na cidade, se tivesse aqui na colônia tava morrendo de fome. Vão arruma emprego aqui, o agricultor tá fraco, então não pode paga bem pra um peão, então não tem jeito, é a cidade, eles vão busca a cidade, acho eu, vão estuda e ficam por lá, não vem mais pra cá amigo.”

Apesar da situação de crise por que passa a agricultura familiar, os agricultores defendem o meio rural como um espaço de vida, como definiu Wanderley (2009), e tal como observado por Sacco dos Anjos e Caldas (2006), os agricultores reconhecem atributos no espaço onde vivem, como a paz, a tranquilidade e o contato com a natureza.

Uma das características da agricultura camponesa é que a força de trabalho é essencialmente familiar, sendo em geral a contratação de peões ou diaristas ocasional. Um aspecto interessante das unidades familiares pesquisadas, é que elas em geral congregam três gerações, sendo os avós (ou um deles), os pais e os filhos, além de um irmão ou uma irmã do casal de agricultores. O prosseguimento das atividades está diretamente ligado à sucessão familiar, à perspectiva de que pelo menos um dos filhos (as) dê continuidade ao trabalho.

Os agricultores são unânimes ao apontarem as dificuldades de conseguir mão-de-obra contratada, uma pelo reduzido número de pessoas vivendo no meio rural, outra em vista da desconfiança em contratar pessoas estranhas. Entre as saídas encontradas para sanar a falta de mão-de-obra estão a troca de serviços, a troca de serviços por produtos e os mutirões, que podemos relacionar ao conceito de reciprocidade (RADOMSKY, 2006).

Incentivos (assistência técnica, crédito, políticas públicas) - os incentivos de parte dos governos, da assistência técnica de órgãos públicos e de entidades da sociedade civil são fatores determinantes, ora para a promoção das atividades dos agricultores, ora cumprindo um papel coercitivo e regulador que limita as ações na agricultura camponesa. Na relação com instituições e organizações os agricultores ecologistas de Ipê e Santo Antônio do Palma se organizaram em associações e cooperativas, tendo uma trajetória na agricultura ecológica entre dez e vinte anos. Esses dois casos são prósperos, o que em parte se deve ao apoio de entidades como o Centro Ecológico, o CETAP, a

Cáritas Diocesana e a EMATER. Todavia, isso não quer dizer que não existam ameaças. Assim, novos desafios vão surgindo, como a adequação à certificação orgânica de produtos, a dificuldade de recrutar novos associados e fomentar a agricultura de base ecológica.

As famílias dos municípios de Bozano, Humaitá, Panambi, Santo Cristo e Seberi se diferem completamente do contexto dos agricultores ecologistas. Lá, em geral, não há entidades específicas para o desenvolvimento de atividades agrícolas alternativas. As cooperativas existentes são basicamente do ramo das “commodities” (soja, milho e trigo), ficando a assistência técnica restrita apenas à EMATER, que com as secretarias de agricultura municipais, são vistas em alguns municípios como pouco efetivas no sentido de proporcionar soluções às demandas dos camponeses.

Quanto ao acesso a recursos financeiros, parece ser evitado pelos agricultores em sua maioria. Além disso, eles têm dificuldade de captar financiamentos, pois muitas vezes não possuem um capital suficiente, o qual nos bancos serve de requisito. Para acessar os recursos, os agricultores levam em conta se poderiam pagar, se os juros não são altos e qual a possibilidade de haver rebate das dívidas, como a propagada expressão “a fundo perdido”.

Das famílias de agricultores, que têm na erva-mate uma de suas principais rendas, como as de Ipê, Santo Cristo, Humaitá e Seberi, apenas a de Ipê está se encaminhando para a legalização da atividade, para ampliar o acesso a mercados e ao crédito. Ao longo do tempo, algumas delas têm investido na fabricação artesanal, porém outras, outrora e na atualidade, mesmo tendo interesse em investir, ficaram reféns da limitação de recursos e da dificuldade em conseguir crédito.

Economia e clandestinidade - um conflito emblemático é o que acontece entre a agricultura camponesa e as normas que regulam o beneficiamento e o comércio de alimentos. O beneficiamento e a comercialização da erva-mate artesanal não são promovidos pela legislação sanitária, a qual foi elaborada com base nas características das grandes indústrias de alimentos e dentro de um contexto da produção urbano-industrial, adotando critérios baseados em estruturas e instalações (CRUZ, 2007). Dessa forma, o regime regulatório, conseqüentemente, acaba não reconhecendo a qualidade dos alimentos camponeses, os quais nas comunidades são bem vistos, como observou Krone (2009), em relação ao queijo serrano.

Todos os casos acompanhados, em que existe

comércio da erva-mate, ocorrem de maneira informal, não havendo o registro do produto (pessoa jurídica). Assim, os agricultores do norte e noroeste do RS, em vista de comercializarem em sua própria residência e nas ruas e domicílios das cidades, consideram-se em situação de clandestinidade, seja por falta de informações, seja pelo medo de ocorrer apreensões, multas e outras penalidades. Já os agricultores da região serrana do estado, em vista de se organizarem em associações, comercializam a erva em feiras.

A busca de mercados alternativos gerou um fenômeno de capital social, que ao mesmo tempo carrega valores culturais e ecológicos. Há famílias que não dispõem de cultivos de erva-mate para a exploração comercial, com exceção de no máximo dez árvores em cada sítio, que são suficientes apenas para abastecer o consumo próprio. Desta forma, a aquisição da matéria-prima é viabilizada a partir de outros agricultores, inclusive de moradores urbanos, embora a maioria deles também tenha poucos indivíduos de erva, situados nas lavouras ou nos quintais das casas. Conseqüentemente, o número de fornecedores de erva torna-se grande.

Eles relatam que os ervais foram arrancados em massa, durante a expansão das lavouras de soja, e hoje em dia, os poucos pés de erva que sobraram, continuam sendo removidos, por razões como: a) ausência de compradores de erva (matéria-prima); b) ampliação das lavouras; c) morte das árvores por causa da aplicação de agrotóxicos e da não renovação dos ervais; d) desistência da venda da matéria-prima, em vista de “picaretagem” (empregados de indústria ervateira, falsos ou não, colhem a erva e vão embora sem pagar) e do baixo preço pago pelas indústrias. A fala transcrita abaixo exemplifica essa situação:

“[...] até lá acho que não tem mais, daí todo mundo já arranco, porque planta ninguém não planta mais, tu não ouve ninguém planta erva-mate, o único que planto foi o [...], encheu meia colônia. [...] esse que vou busca erva amanhã, esse também vai arranca, depois que o velhinho morreu, esse já quer tira, e olha, essa erva é dele, deu erva boa, erva gorda assim né.” (Jorge)

A situação descrita é testemunhada de forma generalizada nos municípios da região norte e noroeste do Rio Grande do Sul. Ocorre então que os agricultores que fabricam a erva artesanal negociam com os fornecedores, comprando a matéria-prima por um valor que é definido pela terça parte da produção final, ou seja, em geral 30%. O resultado desse fenômeno é que

os fornecedores, dessa forma, são estimulados a manter as árvores vivas e recebem um valor superior ao que a indústria pagaria.

Qualidade e saúde - Os camponeses apresentam uma grande diversidade na forma como produzem a erva artesanal, que é adequada conforme as suas preferências e a de seus clientes. O produto é identificado, em unanimidade, como tendo melhor qualidade em relação a erva industrializada, e traz benefícios à saúde, como aponta a fala abaixo:

“[...] Mas é tudo né, desde a erva-mate, tudo que é fabricado aqui no interior eu acho que é mais saudável, não tô defendendo a minha pátria, aí como se diz, mas é uma verdade né, isso aqui não tem químico nenhum e é feito mais simples assim, de repente dá a impressão que tem menos higiene, mas acho eu que tem até mais higiene, dá impressão que não, é feito assim né, coloca numa carretinha no trator, mas não é sujo assim, né, e a indústria também, é bonito quando tá lá no pacote, mas antes...é um troço né. É que em grande quantidade não tem como também, muda as coisa.” (Victor)

Esta fala demonstra o zelo com que é processada a erva-mate, de forma a obter um produto puro e com uma qualidade original, sem haver nenhuma adulteração. Por outro lado, a qualidade da erva da indústria é posta em xeque, ao ser problematizada a sua forma de produção. Depreende-se destarte que as indústrias utilizam qualquer variedade de erva, seja suave ou amarga, em vista de sua grande demanda, mas segundo os relatos, utilizam o açúcar para tornar o produto suave, conforme as preferências dos consumidores.

Em Panambi, o resgate da fabricação artesanal de erva-mate teve como principal motivo a saúde da mãe do agricultor, que foi diabética. A motivação partiu de uma recomendação médica, para que ela não consumisse a erva oferecida em supermercados, que em geral provém da fabricação de indústrias, por causa da probabilidade de haver açúcar em seu conteúdo. Ela viveu até os 101 anos de idade, fato que o agricultor associa com o consumo da erva artesanal. Em vista de sua mãe ter vivido relativamente bem, hoje em dia a erva que ele fabrica tem um valor muito significativo para a vida deles.

As dificuldades do processamento manual e o desenvolvimento de habilidades - as dificuldades das

práticas artesanais, que têm por base atividades principalmente manuais, muitas vezes são vistas erroneamente como manifestação de atraso e de pobreza das populações. Estas dificuldades são utilizadas, muitas vezes, como justificativa para que os agricultores adquiram novas tecnologias, como máquinas e implementos.

As dificuldades do trabalho manual têm seu grau de intensidade relativo, pois se relacionam a outros fatores determinantes, que não se resumem ao uso de tecnologias modernas, mas também com a disponibilidade de mão-de-obra, a adequação de tecnologias, tanto simples, como adequadas às suas necessidades, e à frequência do trabalho, uma vez que todos os agricultores abordados neste estudo estão abertos a melhorias. Ao longo de décadas, e até séculos, essas famílias vêm trazendo de seus ancestrais inovações, as quais elas vêm aperfeiçoando, conforme as dificuldades, pela experiência e pela prática da produção artesanal, concordando com a discussão de Ploeg (2008) sobre artesanidade.

Ploeg (2008) defende a artesanidade como apta a gerar resultados produtivos elevados e prósperos de forma sustentável. Do lado contrário, segundo ele, as tecnologias industriais ou padronizadas utilizadas na agricultura empresarial, não suportam a variação nem a especificidade. Elas subjugam a natureza e o mundo social, exigindo-os a se enquadrarem em padrões, esquemas e procedimentos previamente determinados.

Os pequenos versus os grandes (a agricultura camponesa versus a agricultura moderna) - identificou-se uma contraposição da lógica camponesa frente a um sujeito dominante, manifestada também, através da trajetória de cada indivíduo ou família. Quando elas contam sua história de vida, ao mesmo tempo refletem sobre os acontecimentos passados e pode-se perceber que o passado e o presente estão mais próximos do que se imagina, uma vez que a conjuntura estrutural onde vivem ainda é dominada pela lógica da modernização na agricultura. Assim, o que aconteceu no passado, no auge da “Revolução Verde”, segue acontecendo na atualidade, como se pode perceber na fala abaixo:

“ali do outro lado era erva, virou granja, faz quatro ano e ele tirou tudo, 16 ha, povoado, tinha um erval grande, os timbó grande. O que a gente fez até agora, o que tu plantou, tem medo de um chegá e destruir tudo, se vendê pra um outro, isso é tudo arrancado, vira em granja em poucos dias.” (Noel e Mercedes)

Dentre as consequências do modelo de agricultura moderna, identificadas nesta pesquisa, destacam-se o êxodo rural, a concentração fundiária, a restrição e uniformização de mercados, a falta de poder aquisitivo dos agricultores, para atualizarem-se conforme as novas tecnologias (implementos, máquinas) e o “squeeze” (PLOEG, 2008), que significa a redução nas margens de lucro dos agricultores, pela frequente redução dos valores recebidos pela venda da produção, e pelo aumento constante dos custos de produção. As falas a seguir expressam parte destes fenômenos:

“o êxodo não parou, continua, a juventude vai fazê o que no interior, fazê o que nas grota, quem mora mais em terreno dobrado, não tem. Se vai vendê o milho hoje não paga os custo de produção.” (Sepé)

“o que eu acho que...tinha que assim no caso tê um preço só mais justo no produto e no caso esse ano ta um pouco baixo né, se torna difícil pra..o custo de lavoura cada vez se torna mais caro, assim, tem que capricha, vai tê que aduba mais, tu vai tê que tenta colhê mais, então se torna mais caro nessa parte, daí precisa de maquinário, tu vai tê que renovando, no caso nós tinha uma semeadeira boa tivemo que comprá outra, tu tem que acompanhá, nós tinha uma não era plantio direto, tivemo que comprá uma plantio direto, e máquinas são a mesma coisa, tu tem uma mais ou menos velha quando vê já não tem nem peça, então tu se qué mantê tu vai tê que compra uma máquina, melhorá né, então vai se tornando caro assim, acho que assim tem que tê um subsídio no caso no adubo, alguma coisa assim, e uma garantia de preço também que a gente precisava tê, se tu sabe se tu vai ganhá tanto pelo produto tu pode se organizá pra aquilo ali, então não é fácil. Ano passado nós tava vendendo soja a R\$ 47,00, 48,00 na colheita e esse ano ta vendendo a 32,00, depois subiram um pouco né, então, então se tem uma garantia de preço muda né, daí é melhor.” (Victor)

Dentro do modelo de agricultura moderna, a capacidade de o agricultor inovar está condicionada à obtenção de tecnologias, que são desenvolvidas fora da propriedade, o que o torna muito dependente, assim sua capacidade de prosperar depende de seu poder aquisitivo. Eles têm consciência do que representa esse modelo de agricultura, abordado como “granjas”, “os grandes”, em termos de sua condição de pequenos agricultores, em um meio em que os que têm mais posses financeiras são favorecidos.

Resistência e agência - percebeu-se que existe uma situação de desvantagem dos agricultores familiares de Panambi, Bozano, Humaitá, Santo Cristo e Seberi (pequenos agricultores), frente ao seu meio social, comparando-se com os agricultores ecologistas de Ipê e Santo Antônio do Palma. Essa desvantagem pode ser relacionada com a falta de organização ou a cooperação não bem-sucedida entre os agricultores, a ausência de entidades que apoiem e promovam alternativas ao modelo convencional ou espaços que assegurem o intercâmbio de sua produção, a pouca eficiência e limitação de entidades clássicas, como secretarias de agricultura e órgãos de assistência técnica oficiais, no sentido de apoiar o desenvolvimento de aptidões autóctones, mercados paralelos, entre outras medidas.

Portanto, existem processos de resistência distintos entre os agricultores ecologistas e os pequenos agricultores. Os primeiros têm uma trajetória de envolvimento com a agroecologia, em que investiram para tornar suas atividades produtivas diversificadas e sem a utilização de insumos químicos, organizaram-se em associações e cooperativas, interagindo com entidades agroecológicas e comercializam em feiras livres ecológicas. Essa trajetória inicia com seus antepassados e se deve muito à sua base de recursos, a qual foi conservada e incrementada. A base de recursos dessas famílias em maior ou menor proporção é constituída por recursos das espécies nativas, como a erva-mate.

Por outro lado, a continuidade da agricultura camponesa com os pequenos agricultores está se exercendo dentro de uma gama de atividades convencionais e alternativas, porém sem relevância para a cooperação. A resistência se processa através da reciprocidade, da pluriatividade e a comercialização informal. Nestas famílias, da mesma forma, a sua base de recursos é importante para a continuidade do seu modo de vida. Em algumas destas famílias, a perspectiva de continuidade da fabricação artesanal de erva-mate e da sucessão familiar da agricultura estão previstas para não acontecer. A ausência de sucessores, o êxodo rural e a pressão pela adoção de um modelo empresarial e dependente do mercado de agricultura são os principais elementos de desconfiguração do modo de vida camponês.

Finalmente, pode-se sintetizar a partir do que foi apresentado, a perspectiva de continuidade da fabricação artesanal de erva-mate, pelas próximas gerações das famílias, e que coincide com a continuidade do seu modo camponês de agricultura

(Quadro 2). Apresentam-se também os principais mecanismos de resistência, que tornam viável a continuidade da agricultura camponesa, embora seja possível que, no decorrer do tempo, os (as) filhos (as) poderão ou não se interessar em seguir as práticas artesanais, ou herdar o patrimônio e o saber camponês, nas palavras de Woortmann (2009).

A agricultura camponesa aparenta ser menos próspera entre os pequenos agricultores, e isso tem a ver com a capacidade de mobilização e organização dos camponeses, que é possível relacionar ao conceito de agência (GIDDENS, 1984). Parece haver um contexto regional (norte e noroeste do RS) mais hostil a mudanças na agricultura nessas regiões, em vista da preponderância da estrutura da agricultura empresarial, representando um enorme desafio para a manutenção e prosperidade da agricultura camponesa.

No ramo da agroecologia, nas feiras de agricultura familiar, na organização de agricultores, criando mercados paralelos e clandestinos, seminários, encontros, cursos e até escolas de ensino agroecológico, essas pessoas estão exercendo cidadania, conforme discorre Gonh (2001). Durante as trajetórias e processos de resistência os cidadãos fazem a contracorrente da lógica dominante, sendo um movimento propulsor de mudança de baixo para cima. Ao se mobilizarem e reivindicarem suas demandas, seus direitos e deveres e ao defenderem sua cultura e identidade, os atores exercem a agência (GIDDENS, 1984), a capacidade de agir dentro de uma estrutura

rija, em que há disputa de poder. Portanto, analiticamente, a agência faz parte da resistência da agricultura camponesa, no sentido de haver reprodução social mantendo as tradições e as valorizando, de modo que haja segurança social em relação às imposições e limites do contexto regional, nacional e internacional.

### Considerações Finais

Com a realização desta pesquisa, revelou-se uma diversidade de realidades e trajetórias de vida, entre as famílias de agricultores. Foram identificados os elementos determinantes, para a continuidade da fabricação artesanal de erva-mate e coincidentemente com o modo de vida camponês.

Os elementos determinantes para a continuidade da agricultura camponesa se contrapõem à lógica da modernização na agricultura, que segue uma lógica de domínio capitalista no campo, intensificado pelo avanço das transnacionais ou impérios no domínio das cadeias produtivas, de beneficiamento e comercialização de alimentos. O modelo dominante, que promove a uniformização da produção e a estandardização do processamento de alimentos, choca-se com a natureza da agricultura camponesa, que tem por aptidão a produção diversificada e localizada, com atributos culturais e ambientais peculiares.

Os elementos citados caracterizam uma resistência camponesa, e através da análise deles, foi possível identificar os principais mecanismos dessa resistência,

Quadro 2. A perspectiva de continuidade da fabricação artesanal de erva-mate nas sete famílias de agricultores e os principais mecanismos de resistência do modo camponês de agricultura. O sinal de interrogação (?) se refere a uma certa dúvida, quanto aos filhos(as) seguirem as atividades.

FAMÍLIAS	PERSPECTIVA	MECANISMOS DE RESISTÊNCIA
Panambi	Não	Reciprocidade, coprodução/manutenção e incremento da base de recursos
Bozano	Sim	Reciprocidade, coprodução/manutenção e incremento da base de recursos
Humaitá	Não	Reciprocidade, comércio informal, coprodução/manutenção e incremento da base de recursos
Santo Cristo	Não (?)	Reciprocidade, pluriatividade, comércio informal, coprodução/manutenção e incremento da base de recursos
Seberi	Sim	Reciprocidade, pluriatividade, comércio informal, coprodução/manutenção e incremento da base de recursos
Ipê	Sim (?)	Cooperação, reciprocidade, coprodução/manutenção e incremento da base de recursos
Santo Antônio do Palma	Sim	Cooperação, reciprocidade, coprodução/manutenção e incremento da base de recursos

camponesa, e através da análise deles, foi possível identificar os principais mecanismos dessa resistência, que são o comércio informal, a cooperação, a reciprocidade, a pluriatividade, e a coprodução, manutenção e incremento da base de recursos. A análise da resistência configurou-se por um olhar amplo, uma vez que considerou as perspectivas de continuidade da fabricação artesanal de erva-mate, aliadas ao modo de vida, com base na terceira expressão da resistência.

Os resultados alcançados mostraram dimensões da agricultura familiar, que precisam ser alvo de pesquisas mais detalhadas, e haver a adequada atenção por parte de políticas públicas, para terem seus problemas resolvidos. Não existe uma legislação e políticas públicas adequadas para que os produtores consolidem uma cadeia produtiva em torno da erva-mate artesanal, de forma a desenvolver cultivos em sistemas agroflorestais, beneficiar e escoar o produto. Essa situação de descaso faz com que as famílias sintam-se e sejam tratadas como foras da lei, e por isso, tornam-se vulneráveis aos limites e sancionamentos externos.

Neste sentido, torna-se emergencial a promoção dessa cadeia produtiva no âmbito da legislação ambiental e sanitária; o acesso a mercados formais e informais; o apoio financeiro a pesquisas e no desenvolvimento de tecnologias, que promovam o beneficiamento da erva-mate em pequena escala e o uso de fontes de energia alternativa, para a secagem da erva-mate; o investimento na formação de profissionais e na assistência técnica, fomentando os sistemas agroflorestais, a viabilização do beneficiamento de produtos artesanais e/ou coloniais, e a organização participativa de agricultores.

O fato dos agricultores manejarem a erva-mate, sendo uma espécie nativa, promove a conservação e o uso racional de recursos naturais. Essa base de recursos dos ecossistemas nativos faz parte da segurança alimentar e da continuidade de um modo de vida. Portanto, a biodiversidade tem ajudado os agricultores a continuarem vivendo no campo, ao contrário de visões que pregam a diminuição das áreas de conservação e o aumento das áreas de monocultivo (como exemplos as lavouras de soja, trigo, milho e eucalipto).

A erva-mate, sendo um produto tradicional há séculos na região do Conesul, envolvendo Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, pode receber maior atenção, para assegurar a reprodução social de agricultores, com princípios da sustentabilidade, valorizando sua autonomia e as práticas artesanais, que expressam

identidades e conhecimentos ancestrais. A região fitogeográfica da erva-mate tem muito a ganhar se a sociedade priorizar o desenvolvimento endógeno, os circuitos curtos e descentralizados, de forma a valorizar a autonomia camponesa, como sendo um amálgama entre cultura e natureza, uma alternativa à clássica oposição ecologia/economia.

#### Referências Bibliográficas

- ANDRADE, F.M. Exploração, manejo e potencial socioeconômico da erva-mate. In: SIMÕES, L.L.; LINO, C.F. (Orgs). **Sustentável Mata Atlântica: a exploração de seus recursos florestais**. São Paulo: SENAC, 2002. 215p.
- ARDENGI, L.G. **Caboclos, ervateiros e coronéis: luta e resistência no norte do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo, RS: UPF, 2003. 284 p.
- BEAUD, S.; WEBER, F. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BERKAI, D.; BRAGA, C.A. **500 anos de história da erva-mate**. Canoas: Cone Sul. 2000, 97 p.
- BRUM, A.J. **Modernização da agricultura: trigo e soja**. Petrópolis: Vozes, FIDENE, 1988. 200p.
- CHAYANOV, A.V. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1976.
- CRUZ, F.T. **Qualidade e boas práticas de fabricação em um contexto de agroindústrias rurais de pequeno porte**. 2007. 111p. Florianópolis: UFSC. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas). Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas. Centro de Ciências Agrárias. Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.
- FLEURY, L.; ALMEIDA, J. Populações tradicionais e conservação ambiental: uma contribuição da teoria social. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.2, n.3, 2007.
- FREITAS, A.E.C. **Mrür Jikre – a cultura do cipó: territorialidades Kaingang na margem leste do lago Guaíba, Porto Alegre, RS**. 2005. 464 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS. 2005.
- GEHRARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. **Métodos de pesquisa – DERAD 05**. Porto Alegre: PLAGEDER/UFRGS, 2008.
- GIDDENS, A. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: GIDDENS, A. et al. **Modernização reflexiva:**

- política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: UNESP, 1997.
- GIDDENS, A. **The constitution of society: na outline of the theory of structuration**. Cambridge: Polity Press, 1984.
- GOHN, M.G. **História dos movimentos e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001. 215 p.
- GUBER, R. **La etnografía, método, campo y reflexividad**. Bogotá: Grupo Editorial, Norma, 2001.146p.
- HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**. Rio de Janeiro: Record. 3.ed, 2001. 501p.
- KRONE, E.E. **Identidade e cultura nos Campos de Cima da Serra (RS): práticas, saberes e modos de vida de pecuaristas familiares produtores do queijo serrano**. 2009. 146p. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Faculdade de Ciências Econômicas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- LESSA, B. **História do chimarrão**. Porto Alegre: Sulina. 3 ed. 1986. 111p.
- LONG, N. Resistance, agency and counter-work: a theoretical positioning. In: WRIGHT, W.; MIDDENDORF, G. **The fights over food**. Pennsylvania: Penn State University Press, 2007.
- LONG, N. **Sociología del Desarrollo: una perspectiva centrada en el actor**. México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social, El Colegio de San Luis, 2001. 504p.
- MARQUES, F.C. **Velhos conhecimentos, novos desenvolvimentos: transições no regime sociotécnico da agricultura. A produção de novidades entre agricultores produtores de plantas medicinais no sul do Brasil**. 2009. 220 p. Porto Alegre: UFRGS. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Faculdade de Ciências Econômicas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- MORENO, J.A. **Mapa morfológico**. Porto Alegre: Secretaria da Agricultura e Abastecimento/Divisão de Geografia e Cartografia, 1989.
- MOTTA, M.; ZARTH, P. (Orgs.). **Formas de resistência camponesa: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história**. v.1 (Concepções de justiça e resistência nos Brasis). São Paulo: UNESP. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, NEAD, 2008. 350 p.
- NEGRI, A. **Movimenti nell'Impero, passaggi e paesaggi**. Milano: Raffaello Cortina Editore. 2006.
- NEVES, F.M et. al. A modernização da agricultura e os eixos temáticos. In: ALMEIDA, J. (Org.). **A modernização da agricultura**. Porto Alegre: UFRGS, 2010. p.19-58.
- PALMEIRA, M. Modernização, Estado e questão agrária. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.3, n.7, p.87-108, 1989.
- PLOEG, J.D. van der. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 372p.
- PLOEG, J.D van der. Sete teses sobre a agricultura camponesa. In: PETERSEN, P. **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009. p.17-31.
- RADOMSKY, G.F.W. Reciprocidade, redes sociais e desenvolvimento rural. In: SCHNEIDER, S. (Org.). **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006. p.104-133.
- SACCO DOS ANJOS, F.; CALDAS, N.V. Pluriatividade e sucessão hereditária na agricultura familiar. In: SCHNEIDER, S. (Org.). **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 2006. p. 186-212.
- SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- SCOTT, J.C. **Weapons of the weak: everyday forms of peasant resistance**. New Haven/London: Yale University Press, 1985.
- TOLEDO, V.M. What is ethnoecology? Origins, scope and implications of a rising discipline. **Etnoecologica**, v.1, n.1, p.5-21, 1992.
- WANDERLEY, M.N.B. **O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 330p. (Série Estudos Rurais)
- WOORTMANN, E.F. O saber camponês: práticas ecológicas tradicionais e inovações. In: GODOI, E.P. et al. (Orgs.). **Diversidade do campesinato: expressões e categorias**. v. II (estratégias de reprodução social). São Paulo: UNESP; Brasília: NEAD, 2009. p.119-129.
- WOORTMANN, E.F.; WOORTMANN, K. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília: UNB. 1997, 192p.